

Olhares de uma tutora presencial: da teoria à prática

Luciana Martins Amoras

Especialista em Ensino-Aprendizagem em Língua Segunda (UFPA). Tutora Presencial do Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa, modalidade a distância (UFPA). Docente da rede pública do Estado do Pará

Resumo: O presente texto é um relato de minha trajetória no Curso de Letras – Habilitação em Língua Portuguesa, modalidade a distância da Universidade Federal do Pará. Começando por minha experiência como bolsista de um projeto de pesquisa que culminou com a produção de meu Trabalho de Conclusão de Curso e minha Monografia de especialização, passando por minha experiência como secretária, que me permitiu ter um conhecimento estrutural do curso, até chegar à minha experiência como tutora presencial, atuando no município de Benevides, Pará. O objetivo deste relato é contrapor os conhecimentos teóricos adquiridos e produzidos na minha prática como pesquisadora desta modalidade de ensino aos apreendidos em meu exercício como tutora, visto que ambas me permitiram ter diferentes visões da modalidade de ensino a distância e questionar os limites da teoria e mediante a experiência adquirida na prática de sala de aula, perpassada pelas contingências da situação concreta e por problemas estruturais e administrativos referentes ao curso.

Palavras-chave: Educação a distância, Teoria, Prática.

View from a presential tutor: from theory to practice

Abstract: This text is an account of my journey in the Course of Arts - Specialization in Portuguese Language, the distance education modality of the Federal University of Pará. Starting with my experience as a research fellow in a project that culminated in the production of my Final Paper and my specialization Monograph, passing through my experience as a secretary, which allowed me to have a structural knowledge of the course, until you get to my experience as a presential tutor, acting in the town of Benevides, Pará. The objective of this report is to oppose the theoretical knowledge acquired and produced in my practice as a researcher of this teaching modality to those learned in my exercise as a tutor, since both allowed me to have different views of the distance learning modality and to question the limits of theory and, through practical experience of classroom teaching, pervaded by the contingencies of the concrete situation and structural and administrative problems relating to the course.

Keywords: Distance education, Theory, Practice.

As primeiras turmas do curso de Letras a distância implementadas pela Universidade Federal do Pará surgiram no ano de 2008. Três polos foram abertos inicialmente: dois no sudeste do Pará, compreendendo os municípios de Goianésia (347 km) e Parauapebas (687 km), e o outro em Bujarú (80 km), norte do estado. Da implantação daquelas experiências seguiram outros dois polos, em 2009, nos

municípios de Benevides (36 km), ao norte e Dom Elizeu (453 km), ao sudeste do Pará¹.

Tendo em vista a dimensão territorial do Estado, podemos vislumbrar a complexidade do trabalho com tecnologia nos âmbitos sociais e educacionais na região. Não sendo de exclusiva responsabilidade da UFPA a instalação dos polos, foi também a parceira com os municípios que viabilizou a criação das unidades. Eliasquevici & Fonseca (2009) esclarecem bem o percurso empreendido para a implementação dos cursos na modalidade a distância pela Universidade Federal do Pará. Como todo projeto educacional, além de sua particularidade tecnológica, sua implementação resultou como fruto de um longo caminho iniciado em 1992.

Para iniciar meu relato de experiência em tutoria neste curso, acredito que devo expor, primeiramente, minhas experiências anteriores com a Educação a distância (EaD). Isso se faz necessário, tendo em vista que boa parte de minha formação como tutora advém de participações distintas, em diferentes momentos, nessa modalidade de ensino.

No ano de 2007 iniciei um trabalho como bolsista do projeto intitulado “Curso *online* de Leitura e Produção de Textos”, ofertado pela UFPA, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão – PROEX. Nesse projeto, além de manter contato direto com as professoras-coordenadoras – que também eram tutoras – tive a oportunidade de ingressar como aluna desse curso e pude começar a compreender certas particularidades da ED. Concomitante a essas experiências, iniciei diversas leituras, propostas por minha, então, orientadora, Prof^a Cristina Lobato, acerca da EaD, voltadas ao seu histórico, à motivação dos alunos, seu perfil e seus fluxos interacionais junto a professores e tutores, e percebi que, diante das novas circunstâncias temporais e espaciais dessa modalidade de ensino, muito se frisava, em minhas leituras, o papel do tutor. A partir daí iniciei minha pesquisa, que culminou na defesa do Trabalho de Conclusão de Curso com o título *Aspectos interacionais e motivacionais na educação a distância: um estudo de caso*.

Depois de formada, em 2008, fui convidada a trabalhar como secretária do curso de “Especialização em ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa”, oferecido, também a distância pela UFPA, momento em que tive um contato maior

¹ Os números em km, referem-se a distância dos municípios em relação a capital paraense, Belém. Os dados foram coletados no site <http://www.setran.pa.gov.br/distancias.php>.

com alunos, professores-tutores da disciplina e coordenação do curso, mas ainda sob o ângulo administrativo. No mesmo ano comecei a cursar uma Especialização na qual pesquisei Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) que abordassem o ensino de português para estrangeiros a distância, apontando, principalmente, para a eficácia de suas ferramentas, desse modo construí a monografia intitulada *Português língua estrangeira: limites e alcances da modalidade a distância*.

Seguindo a trajetória de pesquisas direcionadas a EaD, surgiu a oportunidade de ingressar efetivamente/legitimamente em sua estrutura, por meio de um processo seletivo para tutores presenciais e a distância para os polos de Dom Elizeu e Benevides, oferecido pela UFPA. Fui selecionada e assumi o ofício de tutora presencial. A partir desse momento, toda a teoria lida e a experiência em outras instâncias da EaD vividas foram postas à prova, com a prática, o empirismo do trabalho tutorial em si.

Inevitável agora, dentro da engrenagem, notar certa distinção entre teoria e prática. Como modalidade de ensino, relativamente nova no âmbito global, que se baseia principalmente na ideia pré-estabelecida da autonomia dos alunos e nas ferramentas oferecidas pela internet; deparei-me com um curso “recém-nascido” – visto que teve seu início no segundo semestre de 2008 – com suas estruturas ainda desajustadas e tão distantes do ditado pelos livros consultados.

O desafio foi lançado. Diante de tanta motivação para atuar como tutora presencial, percebi que a vasta literatura acerca da EaD não supria a prática, com suas especificidades maiores ainda do que as apontadas por ela. A experiência se iniciou com uma turma de cinquenta alunos e dois tutores presenciais sem muita noção da distinção, na prática, do que seria essa tal modalidade a distância.

O primeiro, nem por isso já superado, percalço que se apresentou foi “como não dar aulas nos encontros presenciais?”.

Na teoria, o modelo de uma EaD eficaz segue um padrão hierárquico bem definido no papel (e, ainda assim, sujeito a críticas), contudo, bastante distinto do que ocorre na prática. Esse modelo dispõe o “poder de atuação” em ordem decrescente, respectivamente, nos atores a seguir: coordenação de curso>professor da disciplina>coordenação de polo>tutores presenciais e a distância. Como atentam Eliasquevici e Fonseca (2009), a tutoria presencial grupal não deve se transformar em uma sala de aula habitual. Contudo, como proceder, sem experiência prévia e

diante de uma turma que desconhece esta nova modalidade de ensino, sem as orientações metodológicas necessárias? Ocorre que, se alguma dessas instâncias falharem, inevitavelmente o tutor presencial deverá responder por elas e/ou ser ágil para tomar uma decisão rapidamente.

Diante dessa errônea visão, muitas pessoas entendem o tutor como o mero reprodutor, ou como mediador “neutro”, do discurso do coordenador de curso e de polo, bem como, e principalmente, do professor da disciplina, ou professor-formador.

Durante o tempo em que atuei como tutora presencial do polo de Benevides – cerca de quatro anos –, me deparei em diversas situações adversas nas quais precisei, em conjunto com o outro tutor, tomar decisões. A mais contundente foi a significativa falta de motivação desses alunos que, ao depararem-se com esse modelo novo de ensino, ficaram “perdidos”.

Durante o curso, por parte dos alunos, percebemos a alta taxa de evasão, certa falta de motivação para continuar o curso, o descumprimento com os prazos de trabalhos e mesmo de provas, a falta de pontualidade e o alto número de faltas por sábado (encontros presenciais). Por parte dos professores-formadores, nos deparamos, em algumas vezes, com a falta de orientação semanal das atividades a serem trabalhadas, o descumprimento, sem aviso prévio, ao calendário proposto pelo próprio professor, a falta de diálogo entre os tutores e alguns professores. E por parte da coordenação do curso, nos deparamos com a falta de informações administrativas referentes a notas, datas das oficinas presenciais.

Diante desse breve parâmetro do Curso, apresento o início da construção da resposta (ainda em andamento) ao questionamento anteriormente proposto. “Como *não* dar aula?” Acredito que esse seja o percalço de qualquer tutor presencial de qualquer curso, dos mais antigos aos mais novos, visto que a modalidade formal de ensino está entranhada em nós, alunos e tutores, pelo modelo convencional, pouco autônomo, em que o professor é o centro de onde emana todo o conhecimento.

A solução parcial para esta pergunta está no diálogo com os demais tutores, professores-formadores, coordenação e, principalmente, os alunos. O diálogo estabelecido auxilia na troca de experiências, que é muito intensa aos sábados – devido ser o único dia da semana em que nos encontramos em “sala de aula”, no modelo convencional. Os alunos gostam de falar de si, de sua semana, de seu trabalho. É salutar ouvi-los, em um momento extra-acadêmico. Após essas rodadas

de conversas, sempre procurei relacionar os assuntos em pauta aos propostos pelo material didático.

Outra solução que já utilizamos com nossos alunos foi criar pequenos “seminários surpresas”, baseados também no material didático. Dividimos os alunos em pequenos grupos, a depender dos tópicos da atividade da semana, e solicitamos que pesquisassem textos extras na internet a que têm acesso no polo e que organizassem suas apresentações. Essa dinâmica surtiu bastante efeito, pois trabalhava, ao mesmo tempo, a interação de alunos, a atuação em seminários, a avaliação por nós, tutores presenciais, e, principalmente, a motivação e a autonomia deles.

Semelhante a esses seminários, também já foi proposta a criação de grupos de discussão, aos quais levamos textos complementares, quadrinhos, propagandas, vídeos e sugerimos que os alunos também o fizessem para dinamizar e aprofundar seus estudos dentro dos temas propostos pelo material.

Em outros encontros presenciais criamos *slides*, com base nas orientações semanais do professor-formador, abordando os principais tópicos da atividade, para que os alunos visualizassem pontualmente, além da estrutura do próprio texto, os conteúdos abordados, deixando o espaço do exercício para ser construído coletivamente, utilizando, portanto, o quadro magnético da sala.

Essas são algumas experiências que nos trouxeram resultado positivo. Porém, não se restringem a elas. Não são fórmulas prontas. A cada sábado, tornou-se necessário um “tipo” de encontro, com uma solução distinta para que não déssemos aula e para que os alunos não se sentissem desmotivados.

Neste breve relato, fiz um recorte de experiências reais, apontando problemáticas pelas quais passei, a fim de apresentar possíveis soluções que contemplem todos os atores sociais de um curso a distância. Ainda estamos descobrindo a vasta possibilidade de se trabalhar em EaD utilizando todas as suas ferramentas em busca da autonomia e motivação de alunos, tutores, professores-formadores e coordenação. A palavra de ordem é tentar.

REFERÊNCIAS

ELIASQUEVICI, Marianne K.; FONSECA, Nazaré A. *Educação a Distância: orientações para o início de um percurso*. 2ª Ed. Belém: EDUFPA, 2009.